

Cerca de 60 por cento dos portugueses morrem no hospital

Especialistas dizem que por 83 euros por dia vai ser difícil encontrar quem preste cuidados paliativos de qualidade em Portugal

ALEXANDRA CAMPOS

Cerca de 60 por cento dos portugueses morrem no hospital. Mas a maior parte (80 por cento) dos doentes acompanhados pela equipa de cuidados paliativos do Centro de Saúde de Odivelas - que há dez anos foi pioneira em Portugal no apoio a pessoas com doença incurável ou em fase terminal - morre no conforto de sua casa, ao pé dos familiares.

“Muitas pessoas [em fase avançada de doença] gostariam de permanecer em casa mas não podem” porque não têm quem cuide delas, explica Isabel Galriça Neto, presidente da Associação Nacional de Cuidados Paliativos, que se tem batido com garra pelo alargamento deste tipo de resposta.

Uma resposta que continua acessível apenas a um pequeno grupo de privilegiados. Em Portugal, existem apenas sete unidades deste tipo, que no total apoiam cerca de três mil pessoas por ano, entre doentes e seus familiares, quando se estima que sejam cerca de 60 mil as que necessitariam de um acompanhamento especializado no fim de vida (ver caixa).

A luta de Isabel Neto e dos profissionais que trabalham nesta área passa também por provar que sai mais barato ao Estado criar unida-

DANIEL ROCHA



Os 83 euros diários pagos pelo Estado desmotivam os prestadores de cuidados continuados

des e equipas de cuidados paliativos do que manter os doentes em fase terminal internados nos hospitais.

Um trabalho ontem apresentado no III Congresso Nacional de Cuidados Paliativos atesta isso mesmo: pelas contas feitas na unidade de cuidados paliativos do Instituto Português de Oncologia

(IPO) do Porto, um doente acompanhado por esta equipa vasta de profissionais (médicos, enfermeiros, psicólogos e, até, um capelão) custa cerca de 352 euros por dia, quando no internamento geral a factura é de 505 euros.

Numa altura em que “é grande a pressão para pôr os doentes fora dos hospitais”, a falta de dinheiro

devia ser o melhor argumento para se avançar neste sentido, sustenta Isabel Neto, garantindo que é mais barato ter equipas especializadas a trabalhar com estas pessoas sob intenso sofrimento em regime de internamento ou no domicílio. Pode ser caro no arranque, mas, a médio e a longo prazo, custa muito menos, assegura.

Montante é “curto”

O problema é que o Ministério da Saúde estipulou um pagamento de 83 euros por dia para os prestadores da rede de cuidados continuados que, por enquanto, ainda se encontra em fase experimental. Por esta quantia vai ser difícil encontrar instituições que estejam dispostas a prestar cuidados paliativos de qualidade em Portugal, questionaram vários especialistas ontem presentes no congresso.

“O preço foi calculado por técnicos que têm estado a apoiar o Ministério da Saúde” e não se refere especificamente aos cuidados paliativos, respondeu Ana Escoval, da Direcção-Geral da Saúde. “Temos que gastar de acordo com as nossas possibilidades”, acrescentou.

“Por 83 euros não vale a pena começar”, prevê Ena Gonçalves, do IPO do Porto, sublinhando que este montante é “curto mesmo nos níveis menos diferenciados” de cuidados paliativos. Estes cuidados não podem ter preço por doente, reforça Isabel Neto, destacando a especificidade e a complexidade deste tipo de acompanhamento. Edá o exemplo da requalificação em curso das maternidades, em que o Ministério da Saúde se tem mostrado disposto a investir. “Quando se quer rigor e qualidade no princípio de vida, deve exigir-se o mesmo em relação ao final de vida. Isto não são cuidados menores.” ■

Unidade do S. João desactivada?

As unidades de cuidados paliativos já eram poucas em Portugal. A agravar, recentemente uma foi “desactivada” a do Hospital de São João (HSJ), no Porto, adiantou ontem Isabel Neto, explicando a retirada desta instituição da lista da associação que dirige. “A unidade de cuidados paliativos não está a funcionar em pleno, porque o [respectivo] internamento está em obras há dois meses e também por falta de pessoal”, contrapôs Romana Fresco, assessora de imprensa do HSJ. Mas o objectivo é que, em Janeiro, os doentes terminais voltem a ter um acompanhamento diferenciado, quando estiver concluída a futura *nursing home*, sublinhou. Em Portugal estão assim actualmente a funcionar em pleno apenas sete unidades de cuidados paliativos - nos institutos de Oncologia (IPO) do Porto e de Coimbra, no Hospital do Fundão, no Centro de Saúde de Odivelas, nas Santas Casas da Misericórdia da Amadora e de Azeitão e na Casa de Saúde da Idanha (Queluz). Até ao final do ano está prevista a abertura de mais quatro, nomeadamente no IPO de Lisboa, no Hospital de Santa Maria e no Hospital de Matosinhos.